

Nota da quinzena

A FINAL o objectivo do trabalho que aquelas simpáticas Senhoras, referidas sob este mesmo título n' O GAIATO de 13/03/99, vieram desenvolver e que elas próprias declararam não conhecer, lomo-lo agora no PÚBLICO de 5 de Abril p. p.: «No início deste ano, a recém-criada Comissão Nacional de Protecção a Crianças e Jovens em Risco começou a fazer um levantamento instituição a instituição, para apurar quantos são e que idades têm os menores internados, se possuem ou não familiares vivos e com condições para os acolher. Em fase de conclusão, o levantamento será divulgado em breve e não parece indiciar uma situação alarmante: os casos 'verdadeiramente maus são poucos, menos até do que seria de esperar', segundo disse ao PÚBLICO um dos responsáveis».

Oh, boa notícia! Ceguinhos como andávamos, quem a esperaria?! Nós somos, com efeito, uma Sociedade maravilha! E temos um Estado, até agora estorvado por Instituições, «algumas convencidas de que Ele (o Estado) era seu refém, por não ter alternativas», que afinal tem na manga soluções para tudo... até porque «os casos verdadeiramente maus são pou-

cos!» E «casos verdadeiramente maus» — parece inferir-se da síntese apresentada pela Técnica do Serviço Social à jornalista a que me reporto — «só os casos de maus tratos absolutos, como violações, por exemplo, e as situações em que não existe rectaguarda familiar». Daí que se prepare para um grito de Ipiranga: «Desinstitucionalizar progressivamente os menores em Portugal é, justamente, uma das prioridades deste Governo». As chusmas deles que vagueiam pelas ruas em processo de auto-destruição passivamente consentida, ficam para a posterioridade. Prioritário é desmanchar um «sistema que se mostrou incapaz de fazer um diagnóstico da situação», já que «apenas por falta de resposta» (do dito sistema) é que «muitas (crianças) continuam internadas». Por isso aí vem o novo sistema: «No futuro tentar-se-á evitar que passem a infância e a adolescência em lares ou centros de acolhimento, ora canalizando-os para a adopção, ora restituindo-os às famílias. É que os lares (leia-se Instituições) foram-se assumindo, em muitos casos, como a verdadeira família das crianças».

Ora cá estamos no cerne da questão, no grande pecado que afronta o Estado: ser

Família para os que a não encontraram nos laços de sangue.

Mas não é esta a substância da resposta à fundamental carência das crianças que nos chegam, da qual derivam todas as outras respostas que a vida e o crescimento nela vão exigindo?

Infelizmente, sim, é que não são muitos os casos em que esta assunção constitui a essência da Instituição!

Há dias, um magistrado lançou-me em rosto este pecado: «Vocês querem ser os donos das crianças, mas a sociedade civil é que o é e somos nós o órgão de soberania que a representa». Eu creio que as palavras foram mesmo estas, mas o pensamento asseguro-o. Aqui está uma afirmação estatizante que talvez nem se use já no que foi a União Soviética. Mas nem me ofendeu nem me tirou o sono. Doe-me, sim, daquela boca o conceito envenenado de Família=dona dos seus filhos, desgraçadamente tantas vezes posto em acto. Como se a Família, quando é autêntica, não seja serva dos que lhe nasceram ou lhe advieram, mesmo que, às vezes, ao tutelá-los, possa parecer Senhora. Que o digam tantos pais e mães, muitos que chegam à heroicidade no cumprimento da sua missão! Se a Família assim entendida

fosse a prioridade das prioridades de qualquer Governo, na diligência de políticas de defesa e de fomento da sua integridade, em todas as áreas em que se desenvolve o seu existir — isso sim, evitaria muitos cuidados a jusante e dispensaria muitas Comissões como mais esta recém-criada para a Protecção a Crianças e Jovens em Risco a qual, pelos vistos, ainda não pensou nos riscos, tantos e tão diversos que nos agredem, no sentido de montar estratégias e de se lançar em luta decidida, perseverante, corajosa, sincera, que os riscasse do mapa das nossas vidas. O pior é que os riscos existem e têm por detrás altos interesses, perante os quais os poderes deixam cair os braços como inelutáveis.

Por isso, à guisa de manobra dissuasória e para mostrar serviço, deixam-se os riscos em paz e começa-se por uma guerrilha quixotesca às Instituições — esse sinal de atraso (mais um!) relativo à Europa, como se deduz da informação do sr. Secretário de Estado da Inserção — como se as ditas estivessem na linha causal dos riscos; e ensaiando medidas propícias de novos riscos para as crianças e jovens que se propõem proteger.

Lógico! — não é?...

Falta verdade, sobra hipocrisia na sociedade que temos. As crianças e jovens que agora se fingem proteger, encontrarão nela matéria de julgamento.

Padre Carlos

CALVÁRIO

Mansidão!

NA juventude alistou-se nos Comandos. As tatuagens nos braços demonstram que teve orgulho em lhe ter pertencido. Andou por Moçambique, no tempo da guerra.



A calma e a serenidade do Calvário

Regressou e empregou-se numa fábrica de tecidos. Vivia só, depois que o seu matrimónio se desfez.

Uma trombose cerebral limitou-o muito. E um acidente de viação fê-lo tombar de vez no leito, completamente paralisado.

Na véspera de Natal, vizinhos condoídos vêm pedir-me que o receba para ele não passar a consoada sozinho e desconsolado.

Recebemo-lo e ele tem permanecido na cama. Não sabe onde está. Não conhece ninguém. Pronuncia nomes de pessoas com quem conviveu.

Por vezes, tem momentos de lucidez e dá mostras de sofrer com a situação a que chegou.

Estou a seu lado.

— Olhe por mim. Ajude-me. Não me deixe! — suplica o pobre homem com ares de aflição.

Pelo cheiro noto que ele está sujo. Não chamo ninguém e começo a fazer-lhe a higiene. É uma maneira de lhe responder e mostrar que o estimamos e acolhemos de bom grado.

Lavo-o, mudo-lhe a fralda e ajeito-o. Talvez estes cuidados lhe lembrem a mãe, quando em pequeno ela respeitava assim o corpo de seu filho.

Ele sorri e diz baixinho:

— Estou mais fresco. Quero descansar.

Continua na página 3

Festas

Setúbal

A Festa está bonita. Os rapazes esmeraram-se sacrificadamente. Ontem foi o ensaio geral e gostei muito. Tudo é deles: o som, a música, as luzes, o cenário... Tudo é feito por eles. Uma obra viva!...

- 17 de Abril — 21.30 h, Grupo Popular Recreativo Cabanense, CABANAS.
- 1 de Maio — 21.30 h, Sociedade de Instrução Musical, QUINTA DO ANJO.
- 8 de Maio — 21.30 h, Incrível Almadense, ALMADA.
- 15 de Maio — 21.30 h, Sociedade Filarmónica Palmelense «Os Loureiros», PALMELA.
- 16 de Maio — 16.00 h, Salão Paroquial, MONTIJO.
- 5 de Junho — 21.30 h, Escola Salesiana do ESTORIL, CASCAIS.
- 12 de Junho — 21.30 h, Sociedade Filarmónica Operária Amorense, AMORA.
- 19 de Junho — 21.30 h, Grupo Desportivo de Sesimbra, SESIMBRA.
- 25 de Junho — 21.30 h, Sociedade Filarmónica Perpétua Azeitonense, AZEITÃO.

Padre Acílio

Lisboa

- 10 de Abril — Sábado, 21.30 h, Salão de Festas da Casa do Gaiato, em SANTO ANTÃO DO TOJAL.

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

GRATIDÃO — Uma viúva com filhos deficientes, e que, há muitos anos, por ser tão pobre, dependia da generosidade pública (o caso ainda passou pelas mãos de Pai Américo), telefona da terra onde está, indagando se poderia visitar-nos na semana pascal. — Com certeza!

Curiosamente, em cada encontro dá sempre recados da sua vida atribulada, de todos os seus. Trouxe um grande ramo de flores viçosas! E chora de gratidão: — *Eu não sei agradecer doutro modo...!* A beleza das flores fica tão bem em suas mãos heróicas!

Um dia, já lá vão tantos anos!, viemos a descobrir no fim duma complexa investigação que era viúva dum *funcionário público!* Com rudimentar cultura, não procurou saber nem colher *«pensão de sobrevivência»* em tempo oportuno. — Agora... será rainha!, dissemos a brincar, naquela altura.

Foi difícil encontrar, duma só vez, a documentação do marido espalhada pelos arquivos das repartições. Não desanimámos, com coragem, tenacidade, amor aos Pobres.

(...) A se Maria, cuja vida sofreu grande miséria para criar os filhos, logo que soube do despacho das pensões, ver-

dadeiramente atónita, levanta as mãos ao céu e dá graças a Deus por a Justiça ter sido reposta.

O Pai Américo disse, várias vezes, em horas boas e menos boas: — *Olha q'os Pobres são a nossa defesa... junto do Pai Celeste!*

Foi conselho que nos ficou gravado na alma. E é caminho e marca da nossa vida para sempre.

PARTILHA — Fica aqui muito bem esta carta da assinante 57002, da Senhora da Hora, tão rica de Mensagem:

«Mais um ano que vivemos o tempo da Quaresma. Mais uma oportunidade para olharmos para dentro de nós e manifestarmos ao Senhor sincera gratidão por tudo que em nós realizou, ao longo da nossa vida. E há tantos irmãos nossos vivendo situações de miséria material e doença. É altura de partilhar com eles aquilo que o Senhor com tanta generosidade vai pondo em nossas mãos. Envio esta pequena ajuda à vossa Conferência do Santíssimo Nome de Jesus e que podem aplicar como melhor entenderem, agradecendo a possibilidade de me tornar participante na vossa acção de amor e carinho pelos que sofrem.»

Setúbal: *Avós dos cinco netinhos com três mil. Um cheque da assinante 11856, do Porto. Outro, da assinante 31682, de Oeiras. Lisboa: «Pequenina importância, de A.S.R., para aquilo que vos parecer mais necessário. Peço a Deus que*

vos continue a dar muita Força e coragem para levarem a bom termo a vossa missão». Gente de fé viva — e operante!

Mais um cheque, de Braga, com dez mil, e *«só peço para guardarem anonimato e o aplicarem como melhor entenderdes».* Votos sagrados!

Mais outro, da assinante 26302, do Porto. E mais um, duma avozinha, de Gondomar, assinante 32762. O episódio descrito é bem curioso!

Mais outro, ainda, do assinante 42971, de Ovar, *«para os Pobres mais necessitados e, em geral, mais envergonhados»* — três mil escudos. *«Não precisamos agradecer.»*

Fechamos com dez mil, do assinante 35769, de Maçainhas (Guarda).

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

ESCOLA — Começou o terceiro período lectivo. As notas do segundo não foram famosas. Esperamos uma maior atenção e dedicação dos rapazes para que, no fim do ano, os resultados sejam melhores.

MÚSICA — Os rapazes que frequentam as escolas de música, no Porto e em Paredes, têm alguns instrumentos, mas

não todos. Se houver algum Amigo que no-los queira oferecer... agradecemos antecipadamente.

BATATA — Aproveitamos as férias da Páscoa para a sementeira. Esperamos que produzam generosamente e em qualidade, pois somos uma grande comunidade e todos gostamos delas, à mesa.

«Almeidinha»

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — «Como pode caber tanta miséria, Senhor, dentro de casas tão pequeninas! A gente sobe degraus sem conta nem luz, até dar com portas tristes mesmo à beira dos telhados. É até de postigos feitos nas telhas que as famílias recebem toda a luz.

'Entre Senhor'. O pequeno recinto é simultaneamente quarto de dormir e casa de comer, de estar, de uma família inteira! 'Venha ver-me mais vezes, sim? Acompanhe-me até à Eternidade!' Homens de bem, meia idade, esperanças de regressar ao trabalho, retidos no leito por doença sem cura.

Guardar, arrecadar — a máxima preocupação dos que vivem das suas rendas.

Dinheiros inutilmente amontoados a apodrecer nas gavetas das arcas velhas e nas caixas fortes dos Bancos; e ali têm

tudo o seu coração porque também lá seu tesouro. Não se ralam que o vizinho não tenha nada que pôr na mesa, ou que um mundo de criancinhas se deite à noite sem ceia. Toda a gente de teres deve obrigar-se em consciência a colocar todos os meses a sua quota-parte na mão dos Pobres ou, melhor ainda, na mão das pessoas e das obras que têm no mundo a missão de olhar por eles.»

Estas são algumas leituras tiradas do livro *Pão dos Pobres*. Escritas por Pai Américo, já lá vão tantos anos. E continuam actuais, hoje. Devemos meditar um pouco sobre elas.

RECEBEMOS — De M. M., 15.000\$00. Assinante 35502, 5.000\$00. Por alma de Eduardo, 2.000\$00. Assinante 45872, 10.000\$00. Do senhor Costa, do Porto, 25.000\$00. Da Amiga Dolores, de Braga, 2.000\$00. Setúbal, João Silva, 2.500\$00. Da Régua, Lúfa, 5.000\$00. J.R.D., 2.000\$00. Assinante 66345, 5.000\$00.

Saudações amigas do assinante 17991, e 25.000\$00. Assinante 9217, 5.000\$00. Conferência de

Gondomar, 7.000\$00. Anónimo, 5.000\$00. De um amigo, da Alemanha, 200 marcos.

Desejamos que tenham tido uma Páscoa muito feliz e cheia de Paz. Agradecemos todas as ofertas e boas palavras que nos enviaram. Que Deus lhes pague.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Maria Germana e Augusto

Matéria e Cosmos

*Aqui na Terra
Eu nasci duma flor
Algueres na serra!
Mas vivo com dor.
Quando morrer
Hei-de dar origem
A uma nova estrela
Que viverá milhões de anos!*

*Enquanto eu viver
Mesmo entre destroços
Serei sempre virgem!
O meu futuro sem danos
Não será matéria deste planeta.
Será, sim, luz do Cosmos!*

Manuel Amândio

PENSAMENTO

A verdade não precisa de enfeites. A tal ponto os exclui que, aonde uma coisa, não haverá outra.

PAI AMÉRICO

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Vamos à procura da fraternidade

PELO telefone combinámos com o pároco da freguesia encontrarmos na residência paroquial. Chegámos primeiro e esperámos, por ele ter ido celebrar a uma povoação vizinha. Logo que chegou, apresentei-me e disse que ia em serviço do Património dos Pobres. Logo desabafou: — *Tenho quatro paróquias a meu cargo e algumas famílias com vários filhos a viver numas casas e num ambiente miseráveis. Não sei como havemos de dar solução. O melhor é irmos ver.*

Partimos e parámos à entrada duma povoação. — *A primeira é aqui*, disse. Um barracão com as paredes muito sujas e a precisar de reparações. Junto, no terreiro, estavam quatro crianças, uma de cinco, outra de quatro, outra de três e a outra de dois anos. Todas descalças e as duas mais novas só com camisitas vestidas e muito sujinhas, as caritas cheias de esterco e bronzeadas de ranho. Pareceu-me que nunca vi tanta sujidade. Os dois mais pequenos mais pareciam dois tições. Só se distinguiam os olhos.

Um grande cão estava de guarda ao fundo da escada e não pudemos entrar. A menina mais velha soube dizer-nos que ali viviam os avós, três tios, a mãe e elas quatro. As quatro dormiam com a mãe. Depois soube-

mos que o pai abandonou a família, há já um ano. Pensativos e chocados, retirámo-nos.

Dias depois voltámos já acompanhados de um construtor humilde, mas que nos pareceu capaz. Estava a dona da casa e duas filhas. Vieram cá fora e dissemos o motivo da nossa visita e da nossa vontade de ajudar.

Compreenderam e aceitaram com alegria. Viram a nossa vontade de visitar a habitação por dentro e logo veio a desculpa: — *Está tudo por arrumar! Se vierem logo à tarde já teremos arrumado.* Insistimos e concordaram. A escada de acesso, tendo ao fundo uma estrumeira de mato podre, de madeira, com os degraus desalinados e sem corrimão. Conseguimos subir e entrámos num autêntico labirinto. À entrada, ao lado, um canto faz de cozinha. Logo a seguir as crianças comiam um prato de sopa muito pobre; depois, um corredor levou-nos aos quartitos sem luz e cheios de montinhos de roupa suja; e muitas outras coisas pelo chão. O soalho já muito encardido e esburacado. Só têm uma torneira à beira da via pública. Ficámos todos com a esperança de que as obras seriam feitas: o telhado remendado, uma cozinha e um quarto de banho. Despedimo-nos, até breve.

A umas centenas de metros encontrámos outra situação aflitiva. Uma pequenina casa já habitada, só com dois quartos e cozinha, sem quarto de banho, abriga o casal e cinco filhinhas. O pai trabalha nas obras e está a amortizar, mensalmente, a casa que comprou. Quer soalhar e fazer uma casinha de banho e um quarto. Já tem a base para os

dois compartimentos e alguns materiais. Mas só o salário dele não chega.

Prometemos a nossa ajuda e ficamos radiantes. Resolvemos logo ali que iríamos fazer tudo o que pudermos e prometeram prestar toda a sua colaboração. Retirámo-nos mais felizes.

Padre Horácio



O barracão onde vivem dez pessoas, sendo quatro delas crianças.

Setúbal

Continuo o relato daquela Quinta-Feira de Paixão

PELAS 17.30 h., ao chegar a Casa, o Hélio, de olhos inchados e muito abertos, ocorre: — Não saia do carro que tem de voltar já.

O Hélio é meu secretário e assume-se sacrificadamente como meu substituto sempre que não estou. Merece-me todo o carinho e toda a confiança.

Apavorei-me receando algum desastre com os rapazes.

Não era. O rapaz ofegante explica: — Os tios do Tiago André deixaram-no cá, sem consentimento de ninguém e, ainda, me quiseram bater. Que eu não mandava nada, que quem mandava aqui era o Tribunal.

O Hélio sentia-se apasado de verdade, de justiça e de razão.

Imediatamente mandei chamar o «Niminhás», alcuinha sabiamente aplicada pelos rapazes, que já o rodeavam, meti-o no carro com a mochila que trazia às costas, em direcção ao Tribunal em busca de Justiça.

É dolorosa a situação do Tiago.

Fui encontrá-lo, com seis anos, semi-nu e coberto de surro, numa barraquinha de madeira, perto de Vendas Novas, a pedido de uma Religiosa dedicada à Misericórdia local.

Do pai ninguém sabia. A mãe, de 25 anos, des-

dentada e anémica, já havia dado à luz cinco vezes. A primeira do próprio pai.

O último homem que com ela coabitava iniciara o menino em práticas sexuais com as irmãs mais pequeninas. Uma tragédia humana a afligir somente aquela Religiosa e a movê-la a pedir-nos ajuda, a qual franqueá-mos imediatamente.

A Irmã Religiosa veio trazê-lo carinhosamente lavado e vestido.

Cresceu connosco até aos onze anos com algumas dificuldades acrescidas, nos últimos tempos, pelas visitas da mãe que se instalara nas imediações desta Casa, junto com um homem que tratava porcos. Fugiu, várias vezes, com o Joel que tive de mandar para Paço de Sousa, por criar em Casa um ambiente de instabilidade.

A meio do ano escolar 97/98, o Tiago frequentava a quarta-classe, sou chamado ao Tribunal.

Uns tios paternos, regressados de França, após os filhos criados, reclamavam a tutela e o acolhimento do sobrinho. Tudo bem, menos a forma como o faziam: acreditando em todas as mentiras que o pequeno fazia para chantagear e dizendo, na presença dele, mal da Casa do Gaiato e prometendo-lhe uma vida sem esforços.

No Tribunal fui franco e verdadeiro com o Magis-

trado, embora me parecesse que tudo aquilo «era no ar» — como diz o povo.

Quando o Meritíssimo Juiz manda chamar o pequeno à sala, para lhe comunicar que, se ele passasse de classe, o entregaria aos tios, atrevi-me a recomendar:

— Não faça isso, senhor doutor. Olhe que assim o Tiago já não vai ligar nada à Escola.

Sua Excelência retorquiu-me:

— Está enganado, padre. Ainda, humildemente, voltei:

— Tenho mais de quarenta anos de experiência, senhor Doutor.

— E eu tenho, por detrás de mim, a autoridade do Estado — atalhou peremptoriamente.

Calei-me.

Da minha parte tudo estava acabado.

O Tiago veio para Casa e continuou, fortalecido na sua chantagem, sem ligar nada a nada. Se o obrigava a algo, ameaçava que se ia queixar ao Tribunal.

No fim das férias grandes passadas, os tios vieram buscá-lo com insultos à Casa do Gaiato; os mesmos que haviam proclamado na presença do Juiz e de quem o acompanhava, denunciando claramente a sua incapacidade para criar o menor.

Passados estes meses vêm aqui despejá-lo como quem põe o lixo no caixote.

O Tribunal já estava fechado, mas bati à porta com força, várias vezes, transmitindo a urgência interior que me queimava, até que se abriu.

Entrámos no gabinete do Meritíssimo Curador de Menores. O Tiago sempre à minha frente.

Recebeu-nos de pé.

Após as primeiras palavras apercebi-me de que o senhor Doutor já sabia tudo.

— Que lhe dissesse «por boca» se recebia o menor ou não.

Naturalmente esquivava-me à resposta directa.

Eu sabia lá o que se passara com o Tiago nestes oito meses!... Qual a sua disposição actual?...

Não sou o senhor Director que assina o despacho e entrega o rapaz aos serviços. Pedi a Sua Excelência que nos sentássemos para conversar.

— Que não, que estava com pressa.

Começando ele a falar alto, informei-o de que não era surdo e que não tinha medo.

— É uma ordem que lhe dou. Responda: sim ou não.

Desafiei-o:

— Prenda-me, senhor Doutor, prenda-me.

Que havia de dizer?

— Responda: sim ou não.

— Não tenho capacidade para responder. Não tenho.

— É uma vigarice que me está a fazer. Ponha-se daqui para fora!... E mais... e mais...

E eu saí, deixando o Tiago no gabinete do Curador de Menores, expulso do Tribunal naquele fim de tarde.

Padre Acílio

Calvário

Continuação da página 1

E cerra os olhos numa grande paz.

Aguardo em silêncio por uns minutos. O senhor Joaquim abre os olhos e vendo-me ainda a seu lado suspira e articula uma súplica sofredora:

— Deus me ajude!

— Estou aqui — respondo-lhe — a ajudá-lo por Ele.

Recebo um sorriso de aprovação. Sorrir no sofrimento é próprio de quem o aceita com mansidão e serenidade.

O pobre homem volta a dormir.

O senhor Joaquim é um ser débil que definha aos poucos. O seu rosto, no entanto, não tem ares de sofrimento. Sabe que não vai longe mas sente que alguém o ajuda e acompanha.

Continuo a seu lado olhando uma vida no ocaso.

Tomo-lhe o pulso e verifico que a temperatura subiu. Ele acorda, uma vez mais, e pede-me água. Os doentes nestas circunstâncias febris têm sempre sede. Cristo na Cruz também afirmou ter sede.

O sol entra pela janela e derrama um facho diáfano de claridade sobre o leito do doente e transfigura-lhe o rosto. Esta vida a esmorecer sobre a terra vai ser inundada e muito brevemente pela Luz ainda mais clara da visão de Deus.

O senhor Joaquim volta a olhar-me e a esboçar um sorriso. Parece ter escutado o meu pensar.

Aperto-lhe a mão e deixo-o por agora numa grande paz.

Padre Baptista

ENCONTROS em Lisboa

Cursos profissionais

A O aproximar-se o fim do ano escolar começam as dores de cabeça, não só pelos resultados que aí vêm, mas sobretudo pelo que se vai seguir. Com efeito, há aqueles que terminam o nono ano e não se vislumbra que possam continuar os estudos no liceu normal e, conhecimentos do mundo profissional para se integrarem, têm nada. Há igualmente os que terminam o sexto ano e não se percebe como poderão vencer mais três anos de escolaridade, chegando ao fim sem saberem nada de concreto e real, porque precisariam de um diploma profissional.

É verdade que aparecem aqui e ali uns cursos promovidos pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional. Aparecem também cursos ligados a empresas ou Associações de grupos empresariais. No entanto, não se encontra um caminho em que apareçam os cursos profissionais como uma verdadeira e credível alternativa às escolas de padrão único para uma sociedade diversificada.

Não se pense que, ao reclamar estes estudos alternativos, estou a propor um ensino de segunda ou de terceira qualidade, inferiorizando aqueles que nele estão inseridos.

Precisamente luto por um estudo alternativo de qualidade na via profissional.

A situação actual permite demasiada improvisação, pouca qualidade, abandalhamento da aprendizagem dado que estão muitos interesses envolvidos. Vou limitar-me a aflorar um problema grave: muita gente, sem competência e sem qualquer experiência, lançou-se na organização de cursos alternativos porque eram subsidiados pela Comunidade Europeia. Os montantes envolvidos são grandes e subsidiados tudo: professores, empresas de estágio e, na menor parte, os alunos. Resultado final: tudo é permitido, desde aulas que se deveriam dar na componente teórica a aulas que não se dão, faltas dos educandos sem limites credíveis porque a suspensão de um aluno faltista implica sempre perda das verbas anunciadas. Esta situação leva precisamente a que se pense, quer em termos escolares quer em termos de qualidade profissional, que estas alternativas escolares são uma alternativa de segunda classe.

Gostaria de ver, um dia, se Deus me permitir viver até lá, um ensino alternativo de qualidade. As verbas que se gastam actualmente com remendos e mais remendos seriam suficientes para fazer fato novo.

Padre Manuel Cristóvão

Festas

Continuação da página 1

Lisboa

18 de Abril — Domingo, 15.30 h, Salão da Igreja de FORTE DA CASA.

25 de Abril — Domingo, 15.30 h, Salão do Centro Paroquial de SANTO ANTONIO DE CAVALEIROS.

2 de Maio — Domingo, 15.30 h, Salão da Igreja do Sagrado Coração de Jesus (junto ao Marquês) — LISBOA.

8 de Maio — Sábado, 15.30 h, Cine-Teatro de LOURES.

16 de Maio — Domingo, 15.30 h, Salão dos Bombeiros Voluntários de TORRES VEDRAS.

23 de Maio — Domingo, Salão da Igreja Paroquial da Encarnação — MAFRA.

30 de Maio — Domingo, 15.30 h, Salão da Igreja de RIO DE MOURO.

3 de Junho — Corpo de Deus, 21.30 h, Salão dos Bombeiros Voluntários de FANHÕES.

6 de Junho — Domingo, 15.30 h, Cinema da LOURINHÃ.

Padre Manuel Cristóvão

Coimbra

1 de Maio — 21.30 h, Salão de Festas da Casa do Gaiato — MIRANDA DO CORVO.

9 de Maio — 21.30 h, Cine-Teatro da LOUSÃ.

14 de Maio — 21.30 h, Salão dos Bombeiros Voluntários da MEALHADA.

15 de Maio — 21.30 h, Salão dos Bombeiros Voluntários de CANTANHEDE.

16 de Maio — 21.30 h, Salão dos Bombeiros Voluntários de ANADIA.

21 de Maio — 21.30 h, Cine-Teatro de ARGANIL.

22 de Maio — 21.30 h, Salão dos Bombeiros Voluntários de TOMAR.

23 de Maio — 15.30 h, Teatro Académico Gil Vicente, em COIMBRA.

30 de Maio — 15.30 h, Casino da FIGUEIRA DA FOZ.

5 de Junho — 21.30 h, Cine-Teatro Aveirense, AVEIRO.

10 de Junho — 13.30 h, Auditório do Instituto da Juventude, CASTELO BRANCO.

11 de Junho — 21.30 h, Cine-Teatro da COVILHÃ.

12 de Junho — 16.30 h, Cine-Teatro de LEIRIA.

Desta última ainda voltaremos a falar. Contamos com a presença dos nossos Amigos. Os rapazes-artistas estão a esmerar-se.

Padre João

BENGUELA

O serviço dos Pobres

É duro, mas é uma das honras maiores do nosso ministério. Exige verdadeiros profissionais, queimados pelo fogo da Caridade, com o sentido da obrigação, porque se trata dum serviço da Justiça. Quantas vezes, confesso, perco a paciência diante do cerco fechado de centenas de mendigos, diariamente a bater à nossa porta. Outras, dou comigo a dizer baixinho: — Eles é que têm razão, eu não! A Caridade tem força, mas a Justiça não tem menos. A maioria não tem culpa da situação em que se encontra. Sente-se no direito de pedir e no direito de exigir. Meu Deus, é uma carga muito grande que havemos de levar por diante, até ao limite das nossas forças! Não podemos ter outra medida. Aqui está o problema: Até ao limite das nossas forças!

O serviço pode ser aliviado, se houver um pouco mais de organização. Torna-se, por outro lado, mais eficaz e os Pobres são melhor atendidos. Se cada paróquia, cada centro, tiver o serviço dos Pobres organizado, como tem, por exemplo, a catequese ou outra actividade pastoral, poderemos recorrer à ajuda desse serviço para um

conhecimento mínimo daqueles que nos procuram. De contrário, com a avalanche sempre a aumentar, a ajuda é cada vez mais pequenina, em prejuízo dos que nada recebem noutros lugares. Por esta razão, vamos tentar um pouco mais de ordem. Cada um deve trazer uma credencial muito simples do responsável da paróquia ou do centro. Deste modo, faremos chegar ao local da origem a ajuda que pudermos dar. É uma forma de se distribuírem tarefas e responsabilidades.

Bem sabemos, por outro lado, como é difícil chegar-se a um trabalho mais ou menos perfeito, em condições tão anormais como estas em que vivemos. Chegam de todos os lados. Agora estão aqui, onde encontram alojamento; amanhã, vão para outro lugar. Outros não têm morada certa. Temos visto mães com os bebés ao colo, mirrados pela fome, que hoje pedem leite e comida; amanhã, vêm pedir tábuas para o caixão. Precisamos de ter um coração de carne, bem viva, onde a paciência não se esgote jamais.

Uma grande alegria: Ofereceram-nos, ontem, dez toneladas de milho e cinco tone-

ladas de farinha do mesmo. Foi uma ajuda extraordinária que vai matar a fome a muita gente, por algum tempo. Falo duma grande alegria para nós. Não sei se terá grande sentido para quem ler esta nota e viver nas terras da fartura. Partilhamos convosco o que sentimos e o que este povo sente também.

E saber que estamos numa terra que pode dar de tudo o que os seus filhos precisam!!

A **Suzana** deixou-nos, há dias. Também ela passou por Angola, cerca de ano e meio, a matar outras fomes desta gente. Deu-se a este povo com o seu coração de mulher, jovem de 26 anos. Depois de fazer o curso superior, em Portugal, rumou para Angola, integrada na ONG «Leigos para o Desenvolvimento». Não veio passar férias, não. A melhor paga do seu trabalho recebeu-a no carinho que lhe tributaram na hora da partida. Deu-se, sobretudo,

às mulheres e aos jovens. A nossa Casa do Gaiato recebeu muito dela. Os rapazes mostraram a sua gratidão no beijo da despedida. Foi completar a sua formação noutra escola, depois de frequentar a grande escola da vida nesta Angola que a prendeu e a soltou por algum tempo. Quem sabe se, quando voltar, alguém mais virá com ela... Que seja feliz!

Amanhã, se Deus quiser, começam as aulas. É o novo ano lectivo. Os 140 rapazes que, agora, temos, frequentam as aulas, espalhados pelos vários estabelecimentos. Não fosse a simpatia dos responsáveis das várias escolas, o nosso peso seria muito maior. Obrigado.

Padre Manuel António

DOCTRINA



Tenho de sacudir a poeira das sandálias...

NÃO repares de te não haver convidado ao lançamento da primeira pedra, que não houve festas nem chamei ninguém; mas, sim, convido-te ao final da obra. É prudência e cautela, não fosse acontecer que, chamando-te antes do tempo, desse ocasião à censura do Evangelho: «Começou e não acabou!» Algumas casas já estão aptas a receber madeira e, no próximo mês, telha. Depois chamarei.

QUANDO tinha sobre os meus ombros a Casa do Gaiato de Coimbra somente, ocupava os domingos de Verão em surtidas às termas do Luso e à praia da Figueira da Foz, pedir para os meus rapazes. Agora, porém, com o encargo do do Porto (em Paço de Sousa), sem deixar aqueles lugares, tenciono levar a minha voz às estâncias do Norte. Comecei no Gerês onde fui bem escutado. Parece-me não ter ficado um único hóspede em cada um dos hotéis, que não houvesse respondido ao meu apelo com um generoso presente! Preparava-me para seguir dali para Caldelas quando recebo de lá uma carta a dizer que não. «Existe aqui uma creche» — disseram. «A empresa resolveu realizar peditórios somente para ela, a fim de não sobrecarregar os hóspedes.» Mas é precisamente porque muito sobrecarregados, que eu desejo aliviar esta pobre gente. Nunca se viu, como em nossos dias, tantos homens a gemer debaixo do maior de todos os enganos — o dinheiro; e os Bancos da mesma sorte. Há tempos tive de entrar em um deles para depositar uma esmola de vulto que me ofereceram e ouvi da boca do próprio gerente um apavorado: «Ai, não traga para cá dinheiro que nós estamos muito sobrecarregados!» E quem é que não sabe de muitos senhores e de muitas senhoras à cata de boas ocasiões de colocar os seus dinheiros, sobrecarregados com eles?! Por algo deixou Jesus recado no Mundo de que o dinheiro é um engano. Além do cargo da vida já de si pesada, mais a sobrecarga do dinheiro quando dele fazes a tua vida.

A empresa das senhoras águas de Caldelas quer arvorar os hóspedes à glória das suas notas, tão falsas que quem quer as falsifica. Pretende ocultar toda a verdade da miséria dos Irmãos, impedir a acção dos apóstolos, secar as fontes de generosidade! Em vão! Abarrotada com eles, tem medo do mensageiro do Evangelho que iria ali num relâmpago revelar, convencer, fazer luz e aliviar um nadinha dessa carga de morte os tristes sobrecarregados; mas não. Tenho de sacudir aqui a poeira das sandálias e dirigir-me a outras terras em busca de quem me ajude na cruzada de salvar. Dá pena!

Padre João

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.ª vol. — Campanha de 1943 a 1944)



Regam as sebes com um sorriso nos lábios

TRIBUNA DE COIMBRA

Gestos de bondade

PAREI um pouco e dei comigo a olhar a gente que todos os dias reparte connosco vida e haveres. Fazem-no, quase sempre, de forma discreta mas comprometida. É gente que não exige contrapartidas nem apresenta pergaminhos. São dos nossos Amigos.

Ficamos sempre impressionados quando recolhemos o ofertório na Igreja de S. José, em Coimbra. Este ano, mais de 1.300 contos. É uma grande estima que muito nos alenta. Bem hajam!

O Rotary Clube das Beiras voltou a acenar por entre as suas bandeiras, no Casino da

Figueira da Foz, à criança com nome próprio: o Gaiato. Fá-lo de forma tão original e reconfortante que marcamos presença com gosto e gratidão. Deixamos sempre a melhor recordação: um grupo dos nossos que enche de júbilo a sumptuosa sala, com o seu «pézinho» de dança. A festa é por causa deles e eles são o melhor cartão de convite.

Outros gestos. O Padre Francisco: «Na próxima já não consigo vir» — desabafa... Mas encontra sempre alento. Desta vez trouxe um companheiro: o Padre Nuno. Nos meus desabafos, por este

virá mais uma explicadora. Desta feita, para ensinar inglês que para a Matemática vem cá, desde o princípio do ano, a Dra. Teresa. Em outros dias, à tardinha, as Irmãs Doroteias assumem a Catequese, de forma sempre sensível e linguagem atraente, como a gente nova aprecia. A professora Lurdes nem olha a carro próprio nem a tempo extra para que os meninos não falem a nenhuma consulta médica. Em Miranda do Corvo, D. Olga, D. Cecília e D. Lurdes não falham quarta-feira alguma para a Catequese dos rapazes. Vêm dos Moinhos. Nem

o Inverno lhes mete medo! Quantas vezes ouço dizer a uma delas, com uma convicção surpreendente, que é mais o que recebe do que o que dá... Gente com obrigações familiares, marido e filhos e que encontra ainda tempo para dar uma mão na criação dos filhos abandonados. Isto é uma grandeza rara. Como estamos longe de gente que se auto-elogia do bem que faz e se recomenda a si própria...!

Meu Deus são tantos os gestos de bondade que nos envolvem! É bom parar para agradecer.

Padre João